

# O HAICAI EM LÍNGUA PORTUGUESA: MÉTRICA E RIMA

## HAIKU IN PORTUGUESE LANGUAGE: METRIC AND RHYME

---

Daniel Machado<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo oferece um recorte de dados que compõem a dissertação de mestrado Haicai, uma análise da produção em língua portuguesa: tema, forma e conteúdo, de 2011, orientada pela Doutora Elga Pérez Laborde. Apresenta haicais analisados quantitativamente em relação a suas rimas e métricas com o intuito de traçar linhas gerais da produção desses poemas em língua portuguesa. Análises quanto a número de sílabas e rimas evidenciam como os poetas brasileiros buscaram, não uma forma de se escrever haicai, mas variaram e criaram diversos modelos e haicais únicos utilizando recursos próprios da poesia em língua portuguesa.

**Palavras-chave:** Haiku. Haicai em língua portuguesa. Poesia japonesa.

### ABSTRACT

*The present article offers a clipping of data that compose the Master's dissertation Haicai, an analysis of the production in portuguese language: theme, form and content, of 2011 written under the guidance of Dr. Elga Pérez Laborde. It presents a sample of haiku analyzed quantitatively in relation to its rhymes and metrics in the intention to draw general lines of production of these poems in Portuguese language. Analyzes on the number of syllables and rhymes aim to demonstrate how the Brazilian poets sought, not a way to write haiku, but varied and created several models and unique haiku using Portuguese poetry's own resources.*

**Keywords:** Haiku. Haicai in Portuguese Language. Japanese Poetry.

---

<sup>1</sup> Professor de língua japonesa da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) e mestre em literatura pela Universidade de Brasília. Contato: daniel\_dsm@hotmail.com

## Introdução

Um observador descuidado pode pensar que o haikai é desconhecido no nosso meio, ou que está restrito a curiosos e amantes da cultura japonesa. Entretanto, o haikai se revela uma arte que se abrangeu. É frequentemente definido como um poema curto de 3 versos em estilo japonês. Originalmente é escrito em 5, 7 e 5 sílabas sem rimas, apresenta palavras de corte, que separam os versos, e palavras que se referem à estação em que se passa o poema (FRANCHETTI, DOI e DANTAS, 1991).

A língua portuguesa do Brasil se tornou um terreno fértil para produção destes pequenos poemas. A cada dia surgem mais escritores e mais literatura sobre o tema. Franchetti (1993) afirma que o Brasil teve uma história privilegiada em relação à cultura japonesa, graças a imigração dos trabalhadores nipônicos no início do século XX, que trouxeram haicaiístas como Nenpuku Sato<sup>2</sup>, despertando o interesse dos poetas brasileiros por novas formas poéticas.

Nesse cenário surge o problema: como transpor o espírito e a forma do *haiku* para a língua portuguesa?

Várias formas surgiram entre os produtores de haikai em língua portuguesa, e podem ser observadas na diversidade de estilos e formas desses poemas. Elementos como: rima, título e número de sílabas são utilizados de formas diferentes. Alguns criaram escola, enquanto outros escreveram haikai de uma forma singular.

Indiscutivelmente, aconteceu um movimento de diversas partes do Brasil na tentativa de tornar o haikai adaptado ao gosto brasileiro. Comentários negativos feitos por muitos sobre a poesia japonesa, apontados por Verçosa (1996), classificavam como “de curto estro” o espírito criativo japonês e indicavam que o pequeno poema e sua forma tradicional encontrariam resistência em terras brasileiras. Indicava também que faltava algo ao haikai produzido no ocidente. Dessa forma, além de um apanhado da história do *haiku* no Japão e no Brasil, são apresentados dados sobre haicais escritos em português.

Afrânio Peixoto<sup>3</sup> resolveu ser o mais fiel possível em seus versos, mantendo as dezessete sílabas, abrindo mão das rimas e do título. Peixoto fez o que pôde para reproduzir o espírito do haikai japonês: simplicidade, presença da natureza e uma certa calma zen. O resultado foi poemas como estes:

<sup>2</sup> KENJIRO SATO, imigrante japonês, assinava seus poemas como Nenpuku. Chegou ao Brasil em 1927, sendo considerado um dos 10 maiores haicaiístas do mundo pela revista japonesa especializada em haicai, KOKAGE (VERÇOSA, 1996).

<sup>3</sup> Poeta baiano, ocupou a cadeira número 7 da Academia Brasileira de Letras. Segundo GOGA (1988), foi o primeiro escritor a divulgar o haikai no Brasil.

As coisas humildes,  
Têm seu encanto discreto:  
O capim melado...<sup>4</sup>

O sabiá canta,  
Sempre numa mesma canção:  
O belo não cansa.<sup>5</sup>

Outros poetas acrescentaram outros elementos ao haikai. Verçosa (1996) afirma que Guilherme de Almeida acrescentou rimas e título ao poemeto, mas não só o adaptou, também o enquadrou nas regras formais e na estética dos poemas em estilo ocidental. Ele escrevia haicais como estes:

**N-W**  
Dilaceramentos  
Pois tem espinhos também  
A rosa dos ventos.<sup>6</sup>

**Velhice**  
Uma folha morta.  
Um galho no céu grisalho.  
Fecho a minha porta.<sup>7</sup>

Entretanto, assim como Afrânio Peixoto, Guilherme de Almeida optou por manter as 17 sílabas poéticas. Nem todos os poetas seguiram esse modelo. Alguns optaram por versos livres ou outras métricas.

Existem ainda aqueles escritores que criaram estilos praticamente novos para seus haicais. Haroldo de Campos (CAMPOS, 1996), por exemplo, viu no apelo visual do pequeno poema um elemento perfeito para composições concretistas, que valorizavam mais a imagem do que o discurso.

Nessa perspectiva, as partes a seguir apresentam uma análise dos poemas em língua portuguesa.

<sup>4</sup> GUTILLA, 2009, p. 31.

<sup>5</sup> VERÇOSA, 1995, p. 352.

<sup>6</sup> SAITO, GOGA, HANDA, 1990, p. 54.

<sup>7</sup> VOGT, 2001, p. 88.

## Fortuna crítica

O haikai em língua portuguesa transita entre diversas técnicas, lançando mão de uma série de recursos, temas e métricas. Para demonstrar a variedade dos poemas (haicais) produzidos no Brasil, o presente artigo apresenta o levantamento do uso de recursos formais, rimas e métricas, utilizados na produção do haikai em língua portuguesa a partir de coletâneas coligidas.

A investigação selecionou para estudo obras como *Boa companhia haikai*, uma coletânea organizada por Rodolfo Gutilla, e coletânea organizada por membros do grupo de estudos de haikai Grêmio Ipê, entre eles GOGA. Os dois livros apresentam 405 haicais de 110 autores diferentes, homens e mulheres célebres ou não. Os dados destes livros foram utilizados como amostragem para as tabelas que serão apresentadas a seguir e se encontram originalmente em *Haikai, uma análise da produção em língua portuguesa: tema, forma e conteúdo* (Machado, 2011).

Outros livros também foram consultados, mas não fizeram parte da amostragem, entre outros motivos, por serem de um autor só. Entre eles citamos:

- *Irati 100 anos em versos haikai*, publicação de haicais vencedora do *Concurso de haikai- Irati 100 anos- centenário de Irati sob o olhar literário de sua gente*. Traz haicais de anônimos, inclusive crianças, escritos no ano de 2007;

- *Hai-kais*, que agrupa poemas de Millôr Fernandes;

- *Chê Paraná Porã haikai*, de Sérgio Francisco Pichorim;

- *Guilherme de Almeida*, Carlos Vogt organiza poemas do autor homônimo do livro, haikai entre eles.

## Métrica

Ao escrever haikai, é preciso pensar sobre o uso da rima e da métrica. Embora simplicidade e espontaneidade sejam elementos deste estilo poético, existe um esforço de construção do discurso comum na escrita poética, além dos efeitos estéticos.

A métrica oficial do haikai é de 17 sílabas, em três versos de 5, 7 e 5 sílabas. De fato, essa é a métrica mais utilizada para a produção desse estilo poético em língua portuguesa, contudo, alguns poetas optam por outras métricas, versos livres ou ainda 17 sílabas contadas foneticamente. A tabela a seguir representa a ocorrência dos versos metrificados:

**Métrica em *Boa Companhia Haicai e 100 Haicaístas Brasileiros***

17 sílabas poéticas	17 sílabas fonéticas	Outras métricas	livres
66%	14%	12%	18%

Embora a maioria absoluta dos poetas tenham optado pelas 17 sílabas em 3 versos, esses autores produzem haicais com 17 sílabas de 2 tipos:

### Sílabas poéticas

O primeiro tipo se refere aos haicais que contam sílabas poéticas, seguem a regra padrão da contagem em língua portuguesa:

Depois da chuva

O sol surge pálido,  
e lágrimas de alegria  
caem da folhagem

Gil Numenásia<sup>8</sup>

Usando a contagem tradicional a divisão métrica dos versos fica assim:

O/ sol/ sur/ ge/ pá (lido)= 5 sílabas poéticas  
e/ lá/ gri/ mas/ dea/ le/ gria = 7 sílabas poéticas  
Ca/ em/ da/ Fo/ lha (gem)= 5 sílabas poéticas

Neste tipo de métrica o número de sílabas é flexível, embora a contagem continue em 17 sílabas. Isso acontece porque existe uma diferença entre as sílabas poéticas e as sílabas, que Antonio Candido (1996) denomina de sílabas gramaticais, mas que neste artigo serão referidas como sílabas fonéticas. Utilizando a contagem das sílabas poéticas podemos juntar vogais ou separar ditongos para efeitos de métrica, além de só serem contadas sílabas até a última tônica do verso.

São muitos os poemas que utilizam essa métrica:

Vento da manhã  
Varre as folhas pelo chão  
Do dia que nasce.

Geir Campos<sup>9</sup>

<sup>8</sup> SAITO, GOGA, HANDA, 1990, p. 55.

<sup>9</sup> SAITO, GOGA, HANDA, 1990, p. 54.

A velha mangueira.  
 Apito de trem. Afrito  
 ranger de porteira.  
 Fernando Soares<sup>10</sup>

## Sílabas fonéticas

O outro tipo de métrica de 17 sílabas é o de sílabas fonéticas. O termo fonético foi escolhido porque esse método vai contar cada sílaba pronunciada:

Chaminés lançam  
 fumaças da lareira  
 Campos do Jordão  
 Shinobu Saiki<sup>11</sup>

Contando as sílabas do haikai de Shinobu percebemos a seguinte contagem:

Cha/ mi/ nés/ lan/ çam = 5 sílabas  
 fu/ ma/ ças/ da/ La/ rei/ ra = 7 sílabas  
 Cam/ pos/ do/ Jor/ dão = 5 sílabas

Desta vez todas as sílabas são contadas, mesmo a última que átona. Em alguns casos, juntam-se vogais para efeito de contagem mesmo na métrica de sílabas fonéticas:

### Inverno

Na alva neve,  
 a rígida mancha azul  
 da ave morta  
 Érico Veríssimo<sup>12</sup>

A contagem de sílabas fica assim:

Na/ al/ va/ ne/ ve = 5 sílabas  
 A/ ri/ gi/ da/ man/ chaa/ zul = 7 sílabas  
 Da/ a/ ve/ mor/ ta = 5 sílabas

<sup>10</sup> SAITO, GOGA, HANDA, 1990, p. 50.

<sup>11</sup> SAITO, GOGA, HANDA, 1990, p. 104.

<sup>12</sup> GUTTILLA, 2009, p. 79.

No segundo verso, a última sílaba da palavra *mancha* e a primeira de *azul* se junta e é contada como se fosse apenas uma.

Neste grupo de 17 sílabas poéticas há ainda uma variante, os poemas que não têm as 17 sílabas distribuídas no esquema 5, 7 e 5:

cortinas de seda  
o vento entra  
sem pedir licença  
Paulo Lemisnki<sup>13</sup>

A contagem fica assim:

cor/ ti/ nas/ de/ se/ da = 6 sílabas  
o/ ven/ to/ em/ tra = 5 sílabas  
sem/ pe/ dir/ li/ cen/ ça = 6 sílabas

Nesta métrica, as 17 sílabas fonéticas **são somadas**, mas o esquema é 6, 5, 6.

## Outras métricas e versos livres

Entre o grupo que não optou pelas 17 sílabas estão os escritores que utilizaram outras métricas ao invés do verso livre:

No silêncio da cidade  
A noite, gaiola negra,  
Envolve a luz do meu quarto.  
Vani Rezende<sup>14</sup>

A contagem fica assim:

No/ si/ lên/ cio/ da/ ci/ da (de)= 7 sílabas  
A/ noi/ te,/ ga/ io/ la/ ne (gra)= 7 sílabas  
En/ vol/ vea/ luz/ do/ meu/ quar (to)= 7 sílabas

Embora Vani Rezende tenha optado por metrificar seu poema, não utilizou as 17 sílabas tradicionais e sim 21 sílabas.

<sup>13</sup> GUTTILLA, 2009, p.163.

<sup>14</sup> SAITO, GOGA, HANDA, 1990, p. 111.

O haikai abaixo, de Alice Ruiz (GUTTILLA, 2009, p. 37), não apresenta 17 sílabas e é um exemplo de versos livres:

Minha casa  
O sapo já sabe  
Entrar e sair

## Rimas

As rimas podem ser encontradas em grande parte dos poemas, entretanto a maioria deles apresenta versos brancos. Uma parte dos poemas rimados segue o estilo de Guilherme de Almeida, outra costuma rimar o primeiro e o último verso ao estilo de Tablada.

A tabela abaixo demonstra a proporção dos versos, rimados, dos que seguem Guilherme de Almeida e dos que foram compostos como versos brancos:

### **Rimas em *Boa Companhia Haikai e 100 Haicaístas Brasileiros***

Com rimas	Branco	Estilo Guilherme de Almeida
29%	52%	19%

Os versos brancos são a maioria na amostragem geral:

Começa a ventar:  
O velho apanha o casaco,  
O menino, a pipa.  
Neusa Peçanha<sup>15</sup>

Os poemas que rimam o primeiro e o terceiro verso são muito comuns:

A bola batida  
no pingue-pongue estonteia,  
assim como a vida.  
Maria da Costa Lage<sup>16</sup>

Também podem ser encontrados poemas com rima nos dois últimos versos, ou nos dois primeiros:

<sup>15</sup> SAITO, GOGA, HANDA, 1990, p. 83.

<sup>16</sup> SAITO, GOGA, HANDA, 1990, p. 75.

**Regresso de pescadores**

Desmaia o poente,  
e sobre as ondas dançando  
velas negrejando

Gil Numenasia<sup>17</sup>

**Os tristes**

Em seus caramujos,  
os tristes sonham silêncios.  
Que ausência os habita?

Helena Kolody<sup>18</sup>

A partir destes dados mencionados, podemos concluir algumas linhas estéticas para rimar o haikai em língua portuguesa, mas a que se apresenta mais clara e de fácil percepção é a que segue os parâmetros de Guilherme de Almeida. Essa linha de produção de haikai com título, dois pares de rima, rimam o primeiro e o último e há rima interna no segundo verso, e 17 sílabas poéticas tem uma quantidade considerável de seguidores, ainda que alguns abrissem mão do título:

**Instantâneo**

Na vidraça fosca,  
a lagartixa se espicha  
e abocanha a mosca

Cyro Armando Catta Preta<sup>19</sup>

Despetala a rosa  
o vento... que desalento  
na tarde chuvosa

Amadeu Fontana<sup>20</sup>

**Escombros**

Casa demolida.  
Foi bela. Pensar que nela  
Houve tanta vida...

Waldomiro Siqueira Jr.<sup>21</sup>

<sup>17</sup> SAITO, GOGA, HANDA, 1990, p. 55.

<sup>18</sup> GUTTILLA, 2009, p. 99.

<sup>19</sup> SAITO, GOGA, HANDA, 1990, p. 37.

<sup>20</sup> SAITO, GOGA, HANDA, 1990, p. 23.

<sup>21</sup> GUTTILLA, 2009 p. 181.

## Considerações finais

Embora a métrica e a rima sejam só uma parte na composição do haikai, elas ocupam um lugar de destaque em face do haikai ser definido, com frequência, como um poema de 3 versos e 17 sílabas. Esses elementos têm uma importância fundamental no pensar sobre como escrever um haikai, pois orientam a construção de efeitos estéticos. Um haikai de 10 versos dificilmente poderia ser considerado um haikai, mas mesmo quando os temas fogem ao que se espera do haikai mais tradicional, na busca pela brevidade, emana a força do terceto.

A partir desta análise não resta dúvida que podemos classificar o haikai como um poema de três versos. Nenhum dos poemas escolhidos fugiu desse modelo. Tal característica não se impõe como regra para a escrita do haikai em português brasileiro, como podemos ver, ele se tornou um poema variado e plural, permitindo ao haicaiísta escolher a melhor forma de criar seu poema. O desenvolvimento do haikai no Brasil demonstra com clareza como as diferentes formas de se pensar a estrutura dos versos destes pequenos poemas convivem. Pensar a fundo elementos formais do haikai durante sua escrita não descaracterizam sua simplicidade. A beleza do haiku emerge das coisas simples dispostas em ordem, como em um jardim japonês: é a rocha, é a planta, é a grama e o olhar do jardineiro. O haicaiísta deve estar sensível a isso.

Nas palavras de Pires (1990), o haikai é uma arte que precisa de iniciação. Entretanto, não se deve ter em mente que a iniciação se trata de algo complicado, envolto em mistério como sugere a palavra.

A iniciação do haikai não se refere à entrada em um mundo esotérico, revela-se mais como aprender o mundo em outra perspectiva, descobrir novas nuances da arte poética, aprender como extrair a beleza de um singelo momento.

Para se iniciar no haikai deve-se primeiro ler estes pequenos poemas com atenção. É preciso compreendê-los e apossar-se deles, de sua forma, de sua simplicidade, de sua brevidade e sinceridade.

A produção do haikai em português evidencia também a criatividade dos escritores brasileiros ao trabalharem como o pequeno poema. É um reflexo também de como a cultura brasileira e japonesa se encontram e se transformam juntas e oferecem algo novo, diferente e belo.

Dessa forma, esse artigo oferece um norte, mas a melhor forma de desbravar o mundo do haikai depende do escritor. A recomendação é testar todas.

## Referências

CAMPOS, Haroldo de. “a poética da brevidade”. In. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

CAMPOS, Haroldo de. “A visualidade e concisão na poesia japonesa”. In: *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

CAMPOS, Haroldo de. “Ideograma, anagrama, diagrama: uma leitura de FENOLLOSA”. In: *Ideograma lógica poesia linguagem*. São Paulo: Editora Cultrix, Brasil, 1986.

CÂNDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1996.

FERNANDES, Millôr. *Hai-kais*. Porto Alegre: Editora L&PM pocket, 2005.

FRANCHETTI, Paulo, DOI, Elza T., DANTAS, Luiz. *Haikai: antologia e história*. Campinas-SP: Editora Unicamp, 1991.

GOGA, Masuda. *O Haikai Brasileiro*. São Paulo: Editora Oriente, 1988.

GUTTILLA, Rodolfo Witzig. *Boa Companhia haikai*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.

MACHADO, Daniel. *Haikai, uma análise da produção em língua portuguesa: tema, forma e conteúdo*. Brasília, Universidade de Brasília, 2011.

PIRES, Delores. *O universo do haikai*. Curitiba – PR: Editora Curitiba, 1990.

VERÇOSA, C. Oku, *Viajando com Bashô*. Bahia: EGBA Empresa Gráfica da Bahia, 1996.

VOGT, Carlos. *Melhores Poemas, Guilherme de Almeida*. São Paulo: Global Editora, 2001.

Recebido em: 15/4/2019.  
Aprovado em: 07/06/2019.